

Quem é você?

Carnaval e Psicanálise

Paulo Costa Lima

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LIMA, PC. Quem é você? Carnaval e Psicanálise. In: *Música popular e adjacências...* [online]. Salvador: EDUFBA, 2010, pp. 71-74. ISBN 978-85-232-1202-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Quem é você?

Carnaval e Psicanálise

“Ser uma coisa é não ser susceptível de interpretação.”

Fernando Pessoa

1.

Colocando Descartes no meio da Timbalada, ou melhor, da Mudança do Garcia, no dia certo, ouviríamos uma variante nada ortodoxa da célebre máxima. Ele nos diria: rebolo, logo existo. O rebolado é condição do sujeito, significa literalmente girar sobre si próprio. Re-bola, bola duas vezes: jogo de cintura, se quiserem.

A Mudança do Garcia é uma das manifestações mais díspares e legítimas do Carnaval da Bahia. Sempre na 2ª feira de carnaval, alguns milhares de pessoas saem pelas ruas acompanhando carroças com muita folhagem, gente fantasiada, batucadas refinadas, e um tom geral de anarquia e protesto. Vale tudo!

2.

O sujeito é um movimento e o desejo do Carnaval é o desejo de aceleração desse movimento, uma aceleração que caminha contra a ordem das coisas, que invoca uma espécie de mergulho na dissolução. Há, portanto, uma espécie de revolta no carnaval, uma recusa a ficar quieto, instalado e satisfeito, mas é uma revolta pela alegria. O

Carnaval é uma sede, o que dá todo o sentido ao sucesso da canção de Brown, Água Mineral. O que a música pergunta é justamente isso: Tá com sede? Mas essa sede é outra, é uma outra sede.

3.

O saudoso arquiteto e fotógrafo Silvio Robatto, contava que um belo dia, tendo saído para fotografar coisas do Carnaval, no Centro Histórico de Salvador, foi surpreendido por uma chuva repentina e forte, dessas que acontecem por aqui. Chateado com a interrupção do serviço, entrou numa igreja para esperar a chuva passar. Qual não foi sua surpresa: o rebolado estava todo lá dentro da igreja, nas alegorias de anjos e santos feitos pelos escravos. A espiral do barroco e o êxtase do batuque podem caminhar juntos na Bahia. O barroco rebola, concluiu ele – e organizou uma contundente exposição fotográfica sobre o tema (Cf. O barroco no rebolado).

4.

Se o rebolado for encarado como uma forma de conhecimento – epistemologia do rebolado, do “aval da carne” –, então queremos saber que espécie de conhecimento é esse, o que é que se conhece no rebolado. Por outro lado, se admitimos o rebolado na categoria de conhecimento, então vamos dar uma certa dor de cabeça à epistemologia strictu sensu. Como é que o estudo das possibilidades de conhecimento se flexionaria a tal ponto: rebolado da epistemologia?

5.

Esse mergulho do Carnaval, que se aproxima da dissolução, é algo mesmo que está na base do desejo pelo Carnaval, e que também está na base das relações sociais construídas aqui no Brasil. Que não haja uma referência paterna simbólica, forte, entre nós, é um desejo

com o qual convivemos em contextos os mais diversos possíveis, do trânsito ao serviço público.

Explico melhor: numa terra de gentes diversas, onde pelo menos três grandes referências simbólicas tiveram que conviver a cotoveladas e chicotadas – europeia, africana e indígena – parece faltar a cada uma, isoladamente, a força de unificação – Cf. Melman. Conviver numa sociedade um tanto “desorganizada”, embora seja cansativo e meio absurdo, reflete um certo equilíbrio de forças, permite entrever novas acomodações...; o caso é que tanto o impulso de transformação, quanto as forças de repressão, aprenderam a agir nesse ambiente.

6.

O Carnaval atende largamente a esse desejo de dissolução, coloca sua chave simbólica na mão do rei Momo, uma autoridade que existe para subverter a ordem. Por outro lado, nesse mesmo impulso para destronar a autoridade e os laços constituídos, pode-se perceber um apelo não menos familiar na direção contrária: que haja referência simbólica dominante, que haja alguém forte o suficiente para colocar um limite nas coisas, para tomar as decisões por todos – mesmo que tendenciosamente.

O Carnaval alimentaria os dois impulsos simultaneamente: diversidade simbólica (que aponta para diversidade política) e controle autoritário. Nesse sentido, se enlaçaria com uma série de elementos da noção de baianidade?

7.

O fortalecimento e a potencialização das manifestações do Carnaval negro, em Salvador, coloca em movimento o próprio real, redimensionando o peso de uma das nossas referências simbólicas a partir da força de diversos coletivos, e abre espaço para sair do mero

vai-e-vem desse tradicional carretel entre ordem estável e desordem momentânea.

PS1: Há muitos outros carnavais, inclusive o pós-moderno, isso aí é só um cordãozinho; texto escrito em 1996, antes do advento de muitas coisas, inclusive das celebridades.